

ARTIGOS LIVRES

RETRIBUIÇÕES E TRAJETÓRIAS: MOTIVAÇÕES DE FILIADOS ANTIGOS E NOVOS NO PARTIDO DOS TRABALHADORES

*REWARDS AND TRAJECTORIES: MOTIVATIONS
OF LONG-STANDING AND NEW MEMBERS IN
THE BRAZILIAN WORKERS' PARTY*

*RETRIBUCIONES Y TRAYECTORIAS:
MOTIVACIONES DE AFILIADOS ANTIGUOS Y
NUEVOS EN EL PARTIDO DE LOS TRABAJADORES*

Éder Rodrigo Gimenes* 

Filipe Vicentini Faeti** 

José Roberto Paludo*** 

Julian Borba**** 

* Universidade Estadual de Maringá, Núcleo de Pesquisas em Participação Política, Maringá, PR, Brasil / Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo Interdisciplinar em Políticas Públicas e Opinião Pública, Florianópolis, SC, Brasil.

prof.gimenes@gmail.com

** INCT Representação e Legitimidade Democrática, Brasil

fvfaeti@gmail.com

*** Instituto Federal do Mato Grosso, Universidade Aberta do Brasil, Cuiabá, MT, Brasil.

paludoprofessor@gmail.com

**** Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia e Ciência Política. Florianópolis, SC, Brasil.

borbajulian@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo investiga as trajetórias dos militantes do Partido dos Trabalhadores (PT) para compreender sua resiliência e manutenção como principal partido do sistema político brasileiro. Ao contrário de estudos focados apenas na perspectiva eleitoral, o artigo utiliza a Sociologia do Militantismo para analisar as relações entre filiados antigos e novos e de desfiliados e o partido. A hipótese central sugere que aqueles que se filiaram há mais tempo o fizeram por alinhamento ao PT motivados por um projeto coletivo, enquanto os novos buscaram incentivos mais individuais ou materiais. As entrevistas realizadas em 2015 demonstram que os filiados históricos, geralmente com mais experiência e tempo livre, apresentam um engajamento mais intenso. Em contraste, novos militantes, especialmente aqueles de maior escolaridade, enfrentam dificuldades para manter a militância devido às limitações de tempo e estabilidade financeira. Com relação ao perfil dos desfiliados, destaca-se que a carreira partidária está relacionada à oferta de retribuições, sejam elas simbólicas ou materiais, mediadas pela posição e habilidades dos filiados. De modo geral, os resultados indicam que a pesquisa oferece uma visão sobre o PT e explora a interação entre socialização, militância e as estruturas de oportunidades políticas, contribuindo para uma análise mais completa da militância no contexto brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia do Militantismo; Partido dos Trabalhadores (PT); Filiação Partidária; Socialização Política; Retribuições Partidárias.

ABSTRACT

This article investigates the trajectories of activists within the Workers' Party (PT) to understand its resilience and persistence as the main party in the Brazilian political system. Unlike studies focused only on electoral perspectives, this article uses the Sociology of Activism to analyze the relationships between long-standing and new members, as well as former members, and the party itself. The central hypothesis suggests that longer-standing members joined the PT due to alignment with a collective project, while newer members were driven more by individual or material incentives. Interviews conducted in 2015 reveal that historical members, generally with more experience and available time, exhibit a more intense engagement. In contrast, new members, especially those with higher education, face challenges in sustaining activism due to time constraints and financial stability issues. Regarding the profile of former members, it stands out that party careers are associated with the possibility of rewards, whether symbolic or material, mediated by members' positions and skills. Overall, the results indicate that this study offers a view of the PT, exploring the interaction between socialization, activism, and political opportunity structures, thus contributing to a more thorough analysis of activism within the Brazilian context.

KEYWORDS: Sociology of Activism; Workers' Party (PT); Party Affiliations; Political Socialization; Party Rewards.

RESUMEN

Este artículo investiga las trayectorias de los militantes del Partido de los Trabajadores (PT) para entender su resiliencia y permanencia como el principal partido del sistema político brasileño. A diferencia de los estudios centrados únicamente en la perspectiva electoral, este artículo utiliza la sociología de los militantes para analizar las relaciones entre antiguos y nuevos miembros, así como entre exmilitantes y el partido. La hipótesis principal sugiere que los afiliados desde hace más tiempo se motivaron por su alineamiento con el PT y con un proyecto colectivo, mientras que los afiliados más recientes lo hicieron buscando incentivos individuales o materiales. Las entrevistas realizadas en 2015 muestran que los miembros históricos, generalmente con más experiencia y tiempo disponible, presentan un compromiso más intenso. Por el contrario, los nuevos militantes, especialmente los con mayor nivel educativo, enfrentan dificultades para mantener la militancia debido a las limitaciones de tiempo y la estabilidad financiera. En cuanto al perfil de los exmilitantes, se destaca que su carrera partidaria está relacionada con la oferta de retribuciones, ya sean simbólicas o materiales, que dependen de la posición y habilidades de los miembros. En términos generales, los resultados indican que esta investigación ofrece una visión amplia del PT y explora la interacción entre la socialización política, la militancia y las estructuras de oportunidades políticas, lo que contribuye a un análisis más completo de la militancia en el contexto brasileño.

PALABRAS CLAVES: Sociología de los Militantes; Partido de los Trabajadores (PT); Filiación Partidista; Socialización Política; Retribuciones Partidarias.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A carreira dos militantes do Partido dos Trabalhadores (PT) ajuda a entender a sua manutenção como a principal legenda do sistema político brasileiro? Muito se estudou o partido pela perspectiva eleitoral (Samuels; Zucco, 2018), mas menor atenção foi dada a seus filiados (Goirand, 2019). Definindo militância como atividade social específica, com escolhas e decisões complexas (Fillieule, 2001) sugerimos que a análise das trajetórias de novos e antigos petistas apresenta uma nova leitura sobre as transformações sofridas pelo partido nos seus últimos vinte anos de existência (Barros, 2022, obra que sistematiza essas transformações organizacionais e político-eleitorais do partido).

Nesse período, o partido foi fortemente associado a escândalos de corrupção desde 2005 e foi culpado pela profunda crise econômica que assolou o país após 2014 (Avritzer, 2016; Singer, 2018). Mesmo assim, apesar de não ter vencido as eleições presidenciais de 2018, obteve expressiva votação para presidente e elegeu a maior bancada partidária da Câmara dos Deputados, ou seja, a despeito de um cenário extremamente desfavorável, o partido conseguiu proteger sua “marca” (Lupu, 2016), e manteve-se na condição de “espinha dorsal” (Singer, 2000) do sistema partidário brasileiro. Essa proteção da “marca” nacional, contudo, não impediu perdas expressivas na esfera municipal: o partido recuou de 644 prefeituras eleitas em 2012 para 256 em 2016 e para cerca de 183 em 2020, quando, pela primeira vez, não elegeu prefeito em nenhuma capital (dados do TSE). Essa distinção entre a resiliência nacional/legislativa e o recuo na base municipal é uma distinção importante para qualificar o argumento da “marca protegida” (Barros, 2022).

Um dos aspectos destacados pela literatura para explicar essa resiliência é o seu enraizamento social (Samuels; Zucco, 2018),

numa trajetória que articula bases sociais distintas (sindicalistas, intelectuais, funcionários públicos) com uma organização dinâmica capaz de preservar vínculos entre filiados e a direção partidária (Ribeiro, 2010). Nesse sentido, um aspecto que assume relevância analítica é a relação do partido com seus filiados (Scarrow, 2000, 2015; Heidar, 2006; Gauja, 2015). Muito já se estudou sobre essa relação pela teoria partidária e neoinstitucionalista (Müller, 2009; Barreto, 2018; Borges, 2021). Pouca atenção, porém, foi dada aos seus filiados (Goirand, 2019).

Assim, avançamos na investigação sobre trajetórias de militantes ao longo da história do PT, no sentido de compreender como tais atores se relacionam com sua dinâmica partidária. Os dados qualitativos analisados, referentes a 2015, permitem discutir a resiliência de militantes petistas no contexto político de uma década marcada pela primeira posse de Lula, pela vitória de Dilma Rousseff e por instabilidades como o escândalo do mensalão e a crise econômica que atingiu o Brasil na década passada. Cabe registrar que a coleta de dados ocorreu em 2015; embora esse recorte temporal não invalide os achados, os resultados aqui apresentados devem ser interpretados como um retrato daquele momento específico da trajetória do PT, podendo não refletir integralmente configurações mais recentes do partido.

Considerando que o PT vivenciou distintos momentos em sua história política no Brasil, tanto em termos pragmáticos e estruturais de sua organização e projeto político (Barros, 2022) quanto em se tratando de sucesso em eleições presidenciais, a hipótese deste artigo é de que filiados mais antigos (da fundação até antes do governo Lula 1) se vincularam ao partido motivados por seu projeto político, portanto, buscando retribuições coletivas, ao passo que petistas mais novos (filiados ao PT após essa data) se filiaram movidos por incentivos materiais e individuais. Em outras palavras, assumimos

que, diferentemente do período de fundação do partido, em que as bases sociais e expectativas ante a legenda eram mais homogêneas, com o passar do tempo se tornaram mais plurais as perspectivas de relacionamento dos filiados com o PT, o que se refletiria nas trajetórias, oportunidades e incentivos prospectados por esses indivíduos (Goirand, 2019).

Ademais, entendemos que explorar tal hipótese oferece importantes pistas para compreendermos, ainda que de modo parcial, a resiliência do partido no período que sucedeu a coleta de dados. A despeito da vitória eleitoral de Dilma em 2014, os anos seguintes foram atribulados por conta do seu *impeachment*, da redução do partido nos legislativos nas eleições de 2016, 2018 e 2020 e da eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Assim, este artigo apresenta contribuições sob três perspectivas. Primeiro, enquadra o objeto de análise pela Sociologia do Militantismo (Goirand, 2019). Segundo, adota uma abordagem qualitativa com desenho amostral não probabilístico, definindo uma tipologia dos perfis de militantes entrevistados com relação à filiação ao PT e à sua militância partidária e, terceiro, incorpora os ex-filiados, estabelecendo comparações sobre os perfis de filiados com aqueles indivíduos que se desligaram formalmente do PT. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar a trajetória dos militantes do PT em diferentes momentos e suas distintas relações com o partido no que diz respeito à sua socialização e a sua relação com as oportunidades e retribuições que motivaram a sua militância.

De modo sucinto, destacamos que os resultados obtidos revelam que a relação dos filiados com o PT é profundamente moldada pela interação entre o tempo de filiação, o ciclo geracional e a estrutura de oportunidades de cada época. Confirmando em parte a hipótese do estudo, os filiados históricos apresentam um engajamento mais intenso, viabilizado por maior estabilidade financeira e

disponibilidade de tempo, convertendo seu acúmulo de capital militante em capital político para acessar retribuições materiais e posições estratégicas na burocracia partidária. Em contrapartida, os novos filiados demonstram trajetórias mais plurais: enquanto parte é atraída por oportunidades de carreira política no contexto do PT como partido de governo (frequentemente acessando bens materiais por meio de habilidades específicas e experiência prévia), outra parcela de novos militantes, especialmente de alta escolaridade, encontra dificuldades em sustentar o ativismo devido à instabilidade financeira e restrições de tempo. Adicionalmente, as trajetórias de afastamento evidenciam barreiras de ordem pessoal combinadas a limitações estruturais e culturais de gênero, ao passo que os perfis de desfiliações indicam que a saída formal e o rompimento dos laços com o partido decorrem diretamente da escassez ou da frustração em relação às retribuições esperadas (sejam simbólicas ou materiais).

De modo a explorar tal discussão, o artigo apresenta mais cinco seções, além desta introdução e de considerações finais. Na próxima, justificamos teoricamente nossa hipótese e, na seguinte, os aspectos metodológicos referentes ao material empírico. Nas demais seções, analisamos o conjunto de entrevistas a partir das relações entre socialização, militância e a filiação ao PT e entre as trajetórias militantes e as retribuições desse engajamento partidário.

A SOCIOLOGIA DO MILITANTISMO E O CASO DO PT NO BRASIL

Analisamos os militantes petistas pela ótica da Sociologia do Militantismo (Goirand, 2019). Esse campo de estudos considera essenciais as retribuições materiais para o engajamento dos militantes (Gaxie, 2005; Fillieule; Pudal, 2010). Influenciado pelo interacionismo simbólico, esse paradigma avalia a carreira

militante como um processo dialético entre a história individual, as instituições e os contextos políticos, numa sucessão de fases de engajamento ao longo dos ciclos de vida dos filiados (Fillieule, 2001).

Tendo como base o sujeito auto interessado de Olson (2002) e o conceito de incentivos seletivos, foi Gaxie (1977) quem introduziu o debate sobre recompensas materiais na militância. Segundo o autor, a distribuição desses bens se diferencia de acordo com as características da organização partidária e da posição dos indivíduos no seu interior. Além disso, o arranjo desses incentivos desvela as relações de poder intrapartidário, isto é, as divisões internas dos partidos, as disputas entre facções para controlá-lo e as motivações para a saída ou desligamento dos filiados (Gaxie, 2005). Vale destacar que, nesse texto de 2005, o próprio Gaxie revisita e relativiza sua proposição inicial de 1977 sobre o peso das retribuições materiais no engajamento militante, matizando o argumento economicista original.

Fillieule (2001) se propôs a analisar o processo de engajamento, permanência e desengajamento a partir de relatos biográficos das experiências de vida do militante. Ao considerar não apenas a utilidade de sua militância, mas também a socialização, a identidade e a disposição psicológica e afetiva para o ativismo, o autor rompe com a visão teleológica de recrutamento feito pelas organizações. A partir disso, define a militância como uma “atividade social específica” de escolhas tensas e complexas dos indivíduos.

Além desses, outros conceitos foram incorporados aos estudos das trajetórias dos militantes, como as “estruturas de oportunidades políticas” de Tilly (1992), utilizadas para demarcar o início da carreira militante; o esquema de Hirschman (1973), de “saída, voz ou lealdade”, para avaliar a congruência dos militantes com a organização. A “teoria da lealdade” de Pizzorno (1988), baseada na interação entre a identidade dos militantes com as organizações,

nos círculos de reconhecimento coletivo, nas redes de relações, nas ideias e nos fatores afetivos das “retribuições”, que segundo Gaxie (1977) podem ser também simbólicas e materiais; e finalmente a adoção do “desengajamento” como uma etapa desta trajetória, diante da multiplicidade de formas de ativismo (Fillieule, 2001).

Fillieule e Neveu (2019) abordam essas categorias e suas interações com duas dimensões da militância: as diferenças geracionais e as tensões geradas por elas sobre o sentido do ativismo (voluntário e profissional). Consideramos esse recorte como uma dimensão da análise do conflito geracional inerente ao processo de institucionalização de organizações políticas. Para fins analíticos, neste artigo as três gerações de filiados petistas identificadas na literatura (Quadro 1) são agrupadas em dois grandes conjuntos: filiados antigos, correspondentes à primeira e à segunda gerações (fundação até antes do governo Lula), e filiados novos, correspondentes à terceira geração (filiados após 2003), distinção que orienta diretamente a hipótese central deste artigo.

O que define geração é um evento disruptivo vivenciado por militantes nascidos na mesma época (Neveu, 2019). Um exemplo é o papel socializador de maio de 1968. A sua natureza levou à disputa entre gerações ativistas materialistas e pós-materialistas. Esse conflito causou o deslocamento da identidade do ativista trabalhista em resposta a esse acontecimento e sua adaptação à nova realidade alterou os sentidos e as prioridades de sua militância, voltada agora a mantê-la, mas em outras esferas, isto é, a familiar ou no convívio com amigos, transformando sua rotina em *habitus* de militância (Pagis, 2019).

Quanto à passagem do ativismo voluntário para o profissional, Hadjiisky (2019) destaca as tensões envolvidas na transformação de movimentos sociais em partidos na transição de regimes autoritários

a democracias. A análise dessas trajetórias revela a dificuldade na consolidação dessas organizações, pois, por si só, o ativismo é insuficiente para a manutenção organizacional. Nesse sentido, o PT seria a exceção perante outros movimentos semelhantes, oriundos de contextos de terceira onda de democratização análogos ao brasileiro, isto é, o Samoobrona, movimento sindical de agricultores que se converteu em partido na Polônia, e o Fórum Cívico, formado pelos dissidentes do regime comunista na República Tcheca, não apenas por se organizar como partido utilizando incentivos institucionais para se adaptar ao Estado, mas acomodar os conflitos geracionais quanto à profissionalização dos filiados (Goirand, 2019).

Em análise sobre o PT no Recife (PE), Goirand (2019) encontra que as gerações de militantes petistas se distinguem em suas trajetórias conforme a inserção em redes que ativam suas experiências anteriores. A autora identifica três trajetórias biográficas aliando as carreiras individuais e as mudanças organizacionais do PT. Classe social, tempo de filiação e ocupação profissional e partidária são articulados em três trajetórias: mobilidade ascendente, o ativismo como oportunidade para ascensão social; profissionalização, a especialização em atividades partidárias e o político profissional, o petista histórico com cargo eletivo.

O que essas trajetórias têm em comum são as interações entre as estruturas de oportunidades internas e externas de engajamento oferecidas pelas organizações da sociedade civil que têm atuação convergente com o PT e aquelas que são oriundas do próprio contexto, para as diferentes gerações de petistas (Seidl, 2022). Para melhor visualização, elaboramos um quadro relacionando a geração de militante conforme as estruturas endógenas, exógenas e o contexto de filiação ao PT.

Quadro 1. Estruturas de oportunidades para a militância petista

Gerações de petistas	Oportunidades internas	Outras organizações	Contexto
Primeira geração de petistas, de filiados no período inicial de estruturação do partido (com mais de 50 anos no período de coleta de dados)	PT nasceu como uma novidade Valorização da participação em núcleos de base (NBs) Engajamento simultâneo em diferentes organizações Diálogo com movimentos sociais, com expressiva participação de jovens	Lutas por democratização e Diretas Já (1984) Mobilizações para incluir direitos na Nova Constituição (1988)	Transformações estruturais (“mix” pré e pós-industrial – César, 2002) Urbanização desordenada Crise econômica com hiperinflação
Segunda geração, daqueles que ingressaram no PT a partir de meados dos anos de 1990 (com idade a partir de 35 anos no período de coleta de dados)	PT como principal partido de oposição Abandono dos NBs Centralização das decisões num único grupo político Mudança na forma de eleição para Processo de Eleição Direta (PED) Mecanismos amplos de filiação PT passa a governar importantes cidades, Estados e ampliou bancadas parlamentares	Mudanças no estilo de relação com as outras organizações Movimentos passam a se ocupar da sua estruturação nacional (CUT, MST, CMP e MNLM) Mobilizações contrarreformas, ajuste fiscal e privatizações Ampliação da simpatia pela Reforma Agrária nos setores urbanos	Impeachment de Fernando Collor de Mello (1992), com expressiva participação de movimentos estudantis Era FHC: Plano Real e controle da inflação (1994–2002) Agenda de reformas, ajuste fiscal e privatizações

Continuação Quadro 1. Estruturas de oportunidades para a militância petista

Terceira geração de filiados, que iniciaram sua militância posterior às eleições de 2002 (sem faixa etária específica)	PT como partido do governo federal Institucionalização partidária Ampliação das alianças Profissionalização das campanhas e das estruturas partidárias Aprofundamento da centralização e controle na distribuição de cargos e retribuições Filiação de quadros com viabilidade eleitoral e sem identidade com o petismo Ampliação do diálogo com movimentos sociais de pautas identitárias	Institucionalização dos movimentos sociais por relação pragmática com o governo e pautas reivindicatórias Migração de lideranças dos movimentos para ocupar cargos no governo	Ampliação e criação de políticas sociais em diversas áreas Lulismo: crescimento econômico com distribuição de renda e aumento de popularidade (Singer, 2012) Episódio do “mensalão” (2005) Reeleição de Lula (2006), com sucessão por Dilma (2010) e sua reeleição (2014) Jornadas de Junho (2013) Denúncias de corrupção na Petrobrás e processo de <i>impeachment</i> de Dilma (2015–2016)
---	---	---	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

O quadro acima com as estruturas de oportunidades ilustra a ideia de militância como uma “atividade social específica” de escolhas complexas (Fillieule, 2001). Em nossa leitura, a militância se desenvolve por meio de um processo de mudanças e continuidades que vêm desde as motivações iniciais para o recrutamento político, resultantes da interação entre recursos individuais e socialização em determinados contextos, até as trajetórias militantes, quando os

indivíduos estabelecem uma relação entre suas habilidades políticas, incentivos e as retribuições proporcionadas pelo partido.

Além disso, há claramente uma diferenciação geracional entre os militantes. A primeira geração de filiados, mais velhos e que se filiaram ao PT no início de suas atividades no contexto de redemocratização, fizeram-no a partir da participação coletiva e militância sindical, de modo que essa trajetória deságua no multimilitantismo em alguma fase da vida dos entrevistados. Independentemente de origem social, da idade e do tempo de filiação, as formas de engajamento se distinguem por contextos e idade, desde o sindicalismo, a PJ, as CEBs, no movimento feminista até nas mobilizações como o “Fora Collor” em 1992.

A segunda geração de filiados, com tempo intermediário de relacionamento formal com o partido e com idades variadas, ingressou no PT no contexto em que o partido se destacava como postulante factível nas eleições presidenciais e apresentava vitórias em esferas subnacionais. Esse perfil segue um padrão semelhante de oportunidades de engajamento à primeira geração, contudo, contam com menos recurso, especialmente de tempo, para dedicação à militância.

Por outro lado, os entrevistados mais recentes, de terceira geração, se filiaram ao PT quando este partido já governava o país, estava eleitoralmente profissionalizado e os movimentos sociais estavam institucionalizados tendo uma relação mais pragmática com o partido. Como o perfil anterior, dentre esses mais novos também há multimilitantes; militam em movimentos sociais, ocupam cargos políticos e não são necessariamente identificados com as pautas históricas do petismo, enquanto outra parte se aproxima do partido a partir de práticas militantes, especialmente voltadas às pautas identitárias, o que fornece indícios de uma maior pluralidade no interior do partido.

Esses achados reforçam a ideia de adaptação militante ao contexto de oportunidade política devido ao acúmulo de capital militante (Goirand, 2019). Praticamente todos os entrevistados se envolveram em ações políticas, consideradas as características de cada ciclo da trajetória do PT e do contexto da época, como fala H.V.S:

Foi inclusive nesse encontro da Pastoral da Juventude da diocese que a minha militância começou [...] A primeira reunião que houve para a fundação do PT na região foi na casa paroquial (1981) [...] logo ingresso no partido, logo começamos a organizar a juventude e através da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e começamos a organizar a oposição sindical, que foi bem-sucedida.

Contudo, a literatura não identifica se a distinção geracional da militância redonda na diferenciação dos incentivos envolvidos na filiação, especialmente pelo diverso contexto de oportunidades políticas internas e externas ao partido quando da sua filiação. Ou seja, gerações de filiados petistas socializados em distintos períodos da história do partido se distinguem nos incentivos buscados na filiação? No restante do artigo buscamos responder a essa pergunta. A nossa hipótese é que: os filiados mais antigos (1980 até 2002) se filiaram motivados pelo projeto político do PT, portanto visando bens coletivos, enquanto os filiados mais novos (após 2003) se filiaram movidos pelas oportunidades de carreira política, buscando incentivos individuais e materiais.

Antes disso, na próxima seção detalhamos o material empírico deste manuscrito.

ASPECTOS METODOLÓGICOS SOBRE OS DADOS ANALISADOS

O material empírico deste manuscrito foi composto por um conjunto de entrevistas sobre a trajetória de militantes de base do PT no Brasil, oriundo da tese de Paludo (2017). A seleção dos entrevistados levou em consideração aspectos teóricos norteadores, como a interação entre idade, tempo de filiação e a relevância de considerar também ex-filiados (Fillieule, 2001; Agrikolianski, 2002)¹. Para a definição dos perfis de entrevistados, foram consideradas três características: [1] o tipo de relação do indivíduo com o PT, tendo como premissa básica o fato de ser ou ter sido filiado ao partido ao longo de sua trajetória; [2] a macrorregião de residência desses entrevistados; e [3] a paridade de gênero.

Com relação ao primeiro aspecto, foram definidos quatro tipos de filiados, conforme o período de estabelecimento de vínculo formal com o partido, a militância partidária e a persistência da filiação, conforme expomos no quadro 1.

Com relação à macrorregião de residência dos entrevistados, optou-se por considerar a mesma distribuição espacial da coleta de dados quantitativos utilizada em pesquisas anteriores (Paludo, 2017; Paludo; Borba; Gimenes, 2018). Foram tomadas por base as regiões Sudeste (SE), Sul (S) e Nordeste (NE) separadamente e as regiões Norte e Centro-Oeste (NC) como uma quarta macrorregião, por conta do volume de filiados.

¹ Em artigo recente, Rocca Rivarola (2021) analisou o treinamento político de ativistas de quatro grupos geracionais na Argentina e no Brasil, desde os engajados em movimentos estudantis na década de 1960 até os apoiadores dos governos de Néstor e Cristina Kirchner e de Lula e Dilma, respectivamente. De modo geral, a autora concluiu que a formação de ativistas ao longo do tempo se caracteriza por duas perspectivas: a formação teórico-ideológica decorrente de cursos, leituras e discussões; e o aprendizado advindo das práticas e experiências ativistas. Em alguma medida, este artigo dialoga com a segunda perspectiva, pois os resultados demonstram que o engajamento militante decorre das experiências de envolvimento em atividades partidárias, dentre outros aspectos.

Quadro 2. Características dos entrevistados por grupo de militantes

(H) Filiados históricos ou velhos filiados (até 2002), com alto nível de engajamento partidário, portanto com participação de alta intensidade no PT	(V) Velhos filiados (até 2002), afastados do engajamento partidário e, portanto, com participação de baixa intensidade no PT
(N) Novos filiados (a partir de 2003), independentemente da intensidade de participação	(D) Desfiliados, que já foram membros do PT, mas se desligaram do partido

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em se tratando do sexo, a preocupação com a paridade de gênero entre os entrevistados está atrelada a uma característica institucional do partido, que tem atuado nas últimas décadas no sentido de promover a paridade entre homens (H) e mulheres (M) para a ocupação de cargos na estrutura burocrática do partido (Ayres, 2018). Para cada macrorregião foram entrevistados um homem e uma mulher classificados em cada um dos quatro perfis descritos no quadro 1, totalizando um conjunto de 32 entrevistas. Como se trata de uma abordagem baseada na perspectiva de representação social, esses critérios garantiram a diversificação interna (intragrupo) do universo pesquisado (Pires, 2008).

Para o recrutamento desses entrevistados, utilizou-se a técnica metodológica *snowball* (Biernacki; Waldorf, 1981; Penrod *et al.*, 2003). Considerando-se as distâncias e algumas limitações técnicas, a execução das entrevistas, todas agendadas previamente, ocorreu em três formatos: presencial, online via *Skype* e por telefone.

Cada entrevista teve duração média de uma hora e quinze minutos e foi realizada no período de abril até dezembro de 2015. No contato prévio para agendamento foram explicitados o objetivo da pesquisa e a informação de que haveria gravação de áudio para posterior transcrição, sistematização e análise, mantendo o anonimato dos participantes.

Durante as entrevistas, manteve-se ao máximo a interação, a aproximação da linguagem diante das especificidades dos participantes e o diálogo atento diante das múltiplas trajetórias relatadas com relação à aproximação do PT, relação com o partido e suas atividades internas e a militância, respeitados aspectos temporais, especialmente o período de filiação (Nicolaci da Costa; Romão Dias; Di Luccio, 2009).

AS CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS
DOS MILITANTES DO PT

Nesta seção abordamos a relação entre militância e socialização a partir do diálogo entre dois conjuntos de aspectos: exposição sistematizada da caracterização dos entrevistados com relação à idade, à escolaridade, à origem social e à profissão atual e dos fatores que influenciaram sua filiação ao PT e da análise do conteúdo das entrevistas.

Quadro 3. Características gerais dos entrevistados

Entrevistado*	Idade	Escolaridade	Origem Social	Profissão
H.H.S	62	Superior	Operário mineiro	Advogado
M.H.S	70	Superior	Comerciante	Professora universitária
H.V.S	61	Médio	Pequeno agricultor	Agricultor (MST)
M.V.S	41	Superior	Operária	Artesã
H.N.S	29	Superior	Operário	Administrador
M.N.S	23	Superior	Operária	Estudante de História
H.D.S	56	Técnico	Agricultor	Agricultor agroecologista
M.D.S	55	Médio	Operária mineira	Comerciária
H.H.SE	76	Médio	Operário	Operário
M.H.SE	56	Técnico	Operária	Educadora
H.V.SE	42	Superior	Operário metalúrgico	Jornalista

Continuação Quadro 3. Características gerais dos entrevistados

M.V.SE	42	Superior	Operária	Publicitária
H.N.SE	18	Superior	Servidor público	Estudante de Sociologia
M.N.SE	26	Superior	Operária	Assistente social
H.D.SE	43	Superior	Pequeno agricultor	Jornalista
M.D.SE	34	Superior	Profissional liberal	Jornalista
H.H.NE	49	Superior	Operário	Sociólogo
M.H.NE	57	Superior	Fazendeira	Artesã
H.V.NE	48	Superior	Pequeno agricultor	Advogado
M.V.NE	42	Superior	Servidora pública	Professora universitária
H.N.NE	29	Superior	Funcionário público	Geógrafo
M.N.NE	36	Médio	Operária	Autônoma
H.D.NE	65	Superior	Pequeno empresário metalúrgico	Professor universitário
M.D.NE	55	Superior	Funcionária pública	Advogada
H.H.NC	71	Médio	Operário	Funcionário público
M.H.NC	63	Médio	Operária	Comerciária
H.V.NC	60	Superior	Operário	Funcionário público
M.V.NC	41	Superior	Funcionária pública	Funcionária pública
H.N.NC	29	Superior	Professora	Jornalista
M.N.NC	22	Superior	Autônoma	Estudante de comunicação
H.D.NC	70	Superior	Agricultura	Professor
M.D.NC	45	Superior	Madeireira	Professora (cargo público)

* As informações sobre os entrevistados estão dispostas na seguinte ordem, separados por pontos: sexo, perfil, e macrorregião, sendo: sexo classificados como homem (H) e mulher (M); perfis de filiados históricos ou velhos filiados com elevado engajamento (H), velhos filiados com baixo engajamento (V), novos filiados (N) e desfiliados (D); e macrorregiões Sul (S), Sudeste (SE), Nordeste (NE) e Norte e Centro-Oeste (NC).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação à classe social dos filiados, percebe-se que a maioria dos entrevistados é de famílias de renda baixa e média, exceto as duas mulheres filhas de fazendeiro e madeireiro (M.H.NE e M.D.NC). O status social dos entrevistados de alta e média idade se mantém, enquanto os de origem baixa têm uma ascensão social conforme o seu nível de escolaridade², ou seja, os filhos de trabalhadores que tiveram acesso à universidade encontram-se numa condição de renda melhor do que os filhos de famílias de baixa renda que possuem apenas o nível de escolaridade média³. Os entrevistados de baixa idade, independentemente de origem social, têm ensino superior completo ou ainda estão cursando, o que reflete uma estrutura de oportunidade exógena mais favorável em comparação àquela que os entrevistados de média e alta idade tiveram em sua juventude.

Com relação à escolarização, percebe-se entre os entrevistados um perfil semelhante àquele identificado por Paludo, Borba e Gimenes (2018) em investigação quantitativa com amostra representativa de petistas: dentre os 625 filiados respondentes, 83% tinham o ensino superior, enquanto nas entrevistas 77%⁴, sendo que metade desses está entre os filiados históricos, mais intensamente engajados em atividades partidárias.

Acerca da renda, destacamos ser uma característica relevante à trajetória dos militantes por dois aspectos. Primeiro, o estudo

² Há que se considerar que o nível de escolaridade não é o único critério para definir o recurso cognitivo, devendo-se levar em conta a experiência pessoal e o nível de leitura de alguns militantes, que eventualmente superam outros com escolaridade formal elevada, como ilustra, por exemplo, essa fala de H.D.S: “Eu tenho uma coisa muito gratificante por ter contato com pessoas de destaque mundial, você ter uma cliente como a doutora Maria José Guazelli, meus primeiros estudos sobre a teoria da trofobiose eu aprendi com ela [...] estou membro do Conselho Nacional da Reserva da Serra da Mata Atlântica [...] participei do evento de agroecologia na Alemanha [...] você olha, por exemplo, a história de Luther King, estou pensando naqueles que não perderam a alma, então, isso mexe comigo”.

³ “Eu fui muito pobre, muito mais pobre do que agora, até estudo, eu fui ter acesso a um segundo grau, com 42 anos eu estava numa sala de aula” (H.H.NE).

⁴ Percentuais expostos como informações, sem intenção de comparações ou estabelecimento de inferências, por conta da natureza da análise qualitativa empregada neste artigo.

clássico de Whiteley e Seyd (2002) e a análise sobre a intensidade da participação dos filiados petistas por Paludo, Borba e Gimenes (2018) apontam que os níveis de renda dos militantes têm uma relação direta com a disponibilidade de tempo para se dedicar ao partido (Whiteley; Seyd, 2002). Segundo, em decorrência deste aspecto, o ativismo se configura como uma modalidade de oportunidade política de ascensão social dos indivíduos conforme acessam as retribuições no campo da política (Goirand, 2019). A ascensão desses militantes pode alçá-los à liderança partidária, como o exemplo de Lula no Brasil e na análise sociobiográfica de elites do movimento feminista mexicano desenvolvida por Oliver e Tamayo (2019).

Portanto, a renda influencia de maneira diferenciada a militância de acordo com a idade do indivíduo, uma vez que os filiados históricos (mais velhos, aposentados ou autônomos) são mais estáveis financeiramente, o que lhes proporciona mais tempo para dedicar-se ao partido. Por outro lado, para os filiados afastados e alguns desfiliações (maioria de média idade) que não dispõem de estabilidade financeira, a questão financeira foi mencionada como justificativa para a desfiliação, como exemplifica H.V.SE:

A questão financeira tem uma influência, se eu fosse solteiro, como há dez anos atrás eu não pensaria dessa forma, eu lembro que pagava a faculdade e tinha uma sobra significativa, tanto que não tinha problema nenhum, vinha o pessoal dos sem terras precisando de dinheiro pra comprar lona. Quanto custa? Custa trezentos reais. Fazia um cheque. Sobrava um dinheiro, vamos dividir [...] mas agora com família a gente fica inseguro, quando tem uma certa instabilidade.

Para os militantes de baixa idade, que majoritariamente ainda não possuem independência financeira, essa questão influi menos no tempo livre, pois mesmo com baixa renda, conciliam uma rotina

entre o trabalho, estudo e militância. Nesse sentido (exceto H.N.S, H.N.NE e M.N.NE), trabalham em tempo parcial ou integral (com exceção do H.N.SE, cuja família é de classe média e não trabalha, apenas estuda) e compatibilizam o estudo com o ativismo em movimentos sociais e partidário.

Portanto, a renda e o tempo livre são aspectos relevantes à militância no PT. Quanto à conciliação de uma tripla agenda de atuação (trabalho, estudo e militância), uma explicação reside na transformação dos recursos adquiridos na participação para a escolha profissional dos ativistas (Pegis, 2019). Diante desses aspectos, fica latente a relevância do processo de socialização à trajetória militante. A experiência dos entrevistados se relaciona à estrutura de oportunidades políticas exógenas e endógenas ao PT. Então, a cada novo ciclo de vida, o tipo de engajamento varia de acordo com as experiências, a condição existencial, os tipos de organizações e movimentos sociais que apresentam maior nível de mobilização no contexto de oportunidade política (Fillieule, 2001).

Assim, a sua socialização prévia, isto é, familiar e militante, ganha relevância. A seguir, avaliamos quais influências são consideradas centrais pelos petistas como centrais à sua filiação.

AS ESTRUTURAS DE SOCIALIZAÇÃO PRÉVIA DOS MILITANTES PETISTAS

Inicialmente destacamos a socialização decorrente dos laços familiares. Dentre os entrevistados, 15 afirmaram que se filiaram por influência da família. A transcrição das entrevistas revela uma intersecção entre família, partido e a trajetória dos militantes. Assim, 21 tiveram relação com o PT e com outros partidos de esquerda, seis com partidos tanto de esquerda quanto de direita e apenas cinco tinham familiares filiados a partidos de direita (Barros *et al.*, 2020).

Entre os filiados históricos apenas uma enfatizou a importância da família no seu recrutamento, é o caso da M.H.NE:

Meu pai é grande amigo de (político influente no seu Estado), por sinal ele bancou financeiramente a primeira candidatura [...] em 1968, na cidade do interior [...] meu pai organizou junto com os estudantes uma passeata da escola de freiras até a prefeitura, porque ele era contra a ditadura militar, ele recebeu na fazenda, eu era criança, depois fiquei sabendo mais concretamente, ele acolheu estudantes que fugiam da perseguição da ditadura [...] em 1979 e 1980 eu ia nos movimentos e meu pai me acompanhava, sempre ele esteve muito presente, hoje ele não está mais presente.

Dentre os 15 militantes que disseram que a família foi importante para sua militância, a maioria são novos e de baixa idade e apenas uma não teve os pais engajados na esquerda:

Como eu falei no início (ninguém da minha família teve envolvimento com política e não têm hoje, eu sou a primeira) no começo foi bem tenso, minha mãe não conseguia entender, ah, porque agora eu sou do PT, não, ela não conseguia entender por que eu ficava tanto tempo fora de casa (M.N.NC).

Os demais novos filiados de baixa idade tiveram familiares na direção partidária ou em campanhas eleitorais, como exemplifica este excerto da entrevista de H.N.NE:

Desde 2002 (tinha 6 anos de idade) na campanha de Benedita da Silva, meu pai era casado com a minha mãe ainda, eles iam para a campanha e eu ia com eles, daí eu comecei a ter noção de uma campanha para governador.

Para os filiados afastados, de média idade, o envolvimento familiar com partidos de esquerda e nos movimentos sociais influenciou sua trajetória militante, como M.V.S:

Eu era ainda adolescente quando meu pai foi candidato a vereador pelo PT, eu tinha acho que 15 anos, daí eu já fazia campanha e entrei para Pastoral da Juventude (PJ) já com essa cabeça de Partido dos Trabalhadores [...] com a PJ a gente foi reforçando, porque naquela época a gente tinha uma pastoral bem engajada nos movimentos sociais, uma ideia de luta social e o PT se encaixava bem nessa ideia.

Entre os desfiliaados, apenas três tiveram influência da família. É o caso de M.D.NC, cuja trajetória é perpassada pelo envolvimento familiar e pessoal com partidos de direita antes de se filiar ao PT. A entrevistada era militante no antigo PDS, onde, com 10 anos, contribuiu com a prática do voto de cabresto junto aos funcionários do seu avô madeireiro. Após concluir seus estudos, militou por 20 anos no PSDB. Em 2007 filiou-se ao PT e assumiu um cargo no partido. Daí em diante foi dirigente e assessora parlamentar até se desfiliar em 2015 e fundar um novo partido; “Pra não ficar batendo de frente a gente se desfiliou [...] para viabilizar a candidatura do companheiro [...] para prefeito”.

Com isso, pode-se afirmar que a dimensão afetiva dos “laços pessoais preexistentes” (Fillieule, 2001) é importante para a socialização política e que a experiência familiar pode afirmar ou negar a identidade militante. Por um lado, os novos filiados de baixa idade e parte dos filiados afastados consideram essa dimensão como influente para seu recrutamento. Por outro, entre os filiados históricos, aqueles cujas famílias não se filiaram ao PT, negaram tal influência, pois o partido sequer existia.

Quanto às organizações em que os militantes tiveram engajamento prévio à filiação partidária, identificamos semelhanças perante os

vínculos sociais anteriores à filiação da amostra representativa analisada por Paludo, Borba e Gimenes (2018). A sistematização das trajetórias dos entrevistados permite afirmar que maioria veio de organizações alinhadas ao PT, isto é, igreja, sindicato e movimento estudantil (Seidl, 2009).

A militância na igreja antecedendo a filiação ao PT foi comum para 15 entrevistados. Entre os entrevistados de alta idade (filiados históricos e desfiliados) ligados às comunidades eclesiais de base (CEBs) da Igreja Católica essa trajetória era esperada e reflete a estrutura de oportunidades do contexto exógeno ao PT; as CEBs eram um dos principais espaços de recrutamento na origem do partido.

A militância na Pastoral da Juventude (PJ) foi relatada por dez entrevistados. Apenas um com mais de 60 anos de idade (H.A.S.). A relevância da PJ na iniciação de militantes de esquerda na década de 1980, destacada por Carminati (2006) como alternativa ao movimento estudantil, se confirma ao constataremos que dos 15 relatos de influência de movimentos sociais à filiação ao PT, apenas 3 participaram tanto da PJ quanto do movimento estudantil simultaneamente.

Além do engajamento prévio na PJ e no movimento estudantil, incluímos outra motivação para militância; a influência de professores, por exemplo, M.A.NC:

Quando entrei no primeiro ano do segundo grau, que era época do Fora Collor [...] tinha aulas de filosofia e tinha um professor de história [...] esse cara dava aula de história com formação marxista, só pra você ter noção eu li Caio Prado Júnior no segundo ano do segundo grau.

Para os entrevistados de maior idade, cuja maioria são filiados históricos e desfiliados, o ativismo prévio mais importante foi o sindical, como é o caso do H.H.S:

Com o movimento sindical pra mim começava nascer um instrumento de cidadania, contra exploração, contra opressão, em defesa das liberdades democráticas e de uma vida melhor, com melhores salários, com respeito às pessoas, então o movimento sindical cresce e cresce o PT também.

Ainda no âmbito de vínculos sociais que influenciaram a filiação ao PT, cabe destacar as lutas do movimento por moradia, pauta que se tornou tradicional no partido e que se destacava desde o contexto do ciclo inicial do petismo, como relatou M.H.SE:

Eu sou militante do movimento de moradia [...] sempre trabalhamos pela moradia desde 1987/88, eu conquistei a minha moradia através dos movimentos, nessa época quem nos ajudou muito foi a Prefeita Luiza Erundina do PT, deu muito apoio aos movimentos populares. Foi quando iniciamos o trabalho onde eu moro por mutirão e autogestão, foi a primeira experiência de construção de casas populares por mutirão na cidade de São Paulo e no Brasil.

Há também a militância partidária anterior ao PT. Dos entrevistados de alta idade, H.H.SE teve experiência como militante e dirigente de base no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e H.D.NE teve engajamento no Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), sendo que ambos participaram da fundação do PT. Já H.H.S, vereador pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) relata, quando da fundação do PT:

O MDB foi extinto e eu não entrei no PMDB, alguns afoitos entraram e outros ficaram e aí veio a discussão do PT. Na realidade nosso mandato de vereador foi de seis anos, de 1976 até 1983, e começou a crescer muito a discussão de defesa de um partido dos trabalhadores, do movimento sindical dos trabalhadores, a ação da teologia da libertação

da igreja católica com as comunidades eclesiais de base (CEBs), dom Paulo Evaristo [...] eu estava insatisfeito com a forma do MDB, com as panelinhas, quer dizer, não era muito democrático, eu sentia que os trabalhadores, as pessoas mais simples não tinham o mesmo grau de participação, de respeitabilidade, de valorização e isso estava se dando no movimento sindical [...] enfim, meu primeiro contato com Lula já havia ocorrido em 1978.

Portanto, os entrevistados que vivenciaram o contexto anterior à fundação do PT tiveram como opção de ativismo partidário apenas o bipartidarismo da ditadura ou a clandestinidade. Assim, integraram o partido em sua origem pela comunhão de ideias, valores e crenças com seu projeto político-partidário.

Entre os filiados de média e baixa idade, a estrutura de oportunidades era distinta em virtude do multipartidarismo vigente com Lei Orgânica dos Partidos Políticos. Distinguimos dois tipos de militância partidária prévia ao PT. Um deles, conforme o esperado, vindo de partidos cujos valores diferem do petismo, atraídos pelas oportunidades de carreira e retribuições materiais proporcionadas pelo contexto endógeno do partido após 2002 (Goirand, 2019), ou seja, por colocação (Gaglietti, 2003), como é o caso de H.N.S, que já havia participado da Juventude do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (JPMDB) e do Partido Republicano Brasileiro (PRB) até 2012, ano em que se filiou ao PT e ocupou um cargo político na prefeitura petista.

Outro tipo de militância prévia ao PT entre entrevistados de baixa idade é de indivíduos vinculados com partidos de esquerda que buscaram o PT diante de uma conjuntura de oportunidades mais amplas perante os demais do mesmo campo ideológico. É o caso de H.N.NE, que foi filiado ao PSOL entre 2008 e 2013 e depois migrou para o PT, sendo que seu relato de trajetória refletiu uma combinação

de influência afetiva (familiar) com a busca por oportunidades de trabalho como motivadoras de sua filiação:

Daí eu comecei a participar mais organicamente do PSOL, mas as bandeiras, as pautas que o PSOL defendia eu não me identificava [...]. Eu sou do interior, como vou militar em um partido que não tem nenhum representante nesse meio. No caso eu teria que fundar o partido no interior, daí complica, porque eu não queria fazer de novo o trabalho que meus pais fizeram [...] vou dar continuidade àquilo que meus pais fizeram e estão ainda fazendo.

Em relação à importância da dimensão ideológica para a socialização e o recrutamento, percebeu-se no conteúdo das entrevistas que poucos destacaram seu impacto direto sobre a filiação ao PT. Ademais, constatarem-se formas variadas de considerar a ideologia, desde a Teologia da Libertação até a leitura de clássicos da esquerda, como ilustram trechos das falas de H.H.NE e H.D.NE, respectivamente:

Eu comecei a minha militância através da Pastoral da Juventude, quando tinha 15 anos de idade. Naquela época era toda uma discussão forte na questão da teologia da libertação, Clodovil Boff, Frei Beto, Leonardo Boff, esse povo que influenciava a gente. Nessa época as músicas que a gente ouvia era Milton Nascimento, do Chico Buarque, do Caetano Veloso, do Gilberto Gil, esse movimento cultural na década de 1980”.

Na faculdade, entre os estudantes e nas mobilizações, a gente vai conhecendo os posicionamentos políticos e entrei em contato com companheiros que se assumiam como marxistas, como comunistas e comecei a me interessar pela literatura marxista. Fui lendo alguma coisa, ficando abismado com outras, porque quando a gente entra em contato com o movimento comunista acha que tudo é a mesma coisa,

tudo é homogêneo, mas quando comecei a constatar que havia as tendências, achei estranho, mas fui procurando compreender e fui contatado por alguns companheiros, que também faziam o curso de letras, para ingressar num grupo, de combate à ditadura, uma organização local chamada de MCI (movimento comunista internacionalista), essa organização era de orientação trotskista.

Há menções à aproximação do partido em virtude das políticas sociais desenvolvidas nos governos Lula (2003–2010), como o programa habitacional “Minha Casa, Minha Vida”, citado por M.N.NE ao expor que “No âmbito federal o programa de moradia, foi um dos grandes avanços, para as pessoas que não tinham condições de ter casa própria [...] eu sou uma das beneficiárias do programa Minha Casa Minha Vida sim”.

Em linhas gerais, as entrevistas corroboram nossa expectativa teórica, pois o tempo de filiação e a idade interagem com a estrutura de oportunidades em cada ciclo da trajetória do filiado e do partido. Diante deste cenário, não raras vezes, articulam a experiência prévia, a profissionalização e o contexto de oportunidades políticas no envolvimento militante (Gaxie, 2005; Bourdieu, 2009; Neveu, 2019; Pagis, 2019).

Assim, depreende-se que, na relação entre socialização, militância e filiação ao PT, os recursos individuais interagem com o processo de socialização. Portanto, as características relacionadas às condições econômicas, a escolaridade e a disponibilidade de tempo se complementam com fatores relacionados à socialização, como a militância prévia em movimentos, instituições e partidos, de modo a conformar os laços de identidade dos entrevistados com o partido (Pizzorno, 1988; Neveu, 2019).

Contudo, nos resta responder: os novos e antigos filiados se distinguem nas retribuições esperadas na filiação?

MILITÂNCIA E RETRIBUIÇÕES ENTRE FILIADOS AO PT

Nesta seção respondemos à seguinte questão: os novos e antigos filiados se distinguem nas retribuições esperadas na filiação? Isso é feito pela descrição dos itinerários militantes dentro de cada grupo, considerando os recursos individuais e as retribuições disponíveis na estrutura de oportunidades endógenas e exógenas ao PT quando de sua filiação. De acordo com as respostas dos entrevistados, sintetizamos as principais habilidades que os indivíduos consideram atributos para sua militância e as relacionamos com as retribuições citadas pelos mesmos distribuídas na forma de uma escala, ou seja, demonstrando as características gerais da militância que dão acesso às retribuições simbólicas e as habilidades específicas (combinadas à experiência política) aliadas a incentivos materiais.

Quadro 4. Relação entre habilidades e retribuições

Habilidades Políticas	Tipos de Retribuições
Simplicidade, comprometimento com a causa, coragem, persistência, senso crítico ou formação ideológica, ser candidato(a) em eleições locais, sem viabilidade eleitoral	Aprendizado político, reconhecimento social, oportunidade de representação em eventos/ delegado, contato com líderes políticos e cargos de direção local
Capacidade técnica, habilidades com burocracia, capacidade de argumentação, convencimento e mediação de coletivos, capacidade de mobilização e representação de bases sociais que agregam voto ao partido, capacidade de articulação nos bastidores, pragmatismo, oratória, e carisma	Ser beneficiado por alguma política pública, ocupar cargo de assessoria parlamentar, cargos de confiança do Executivo em diferentes escalas, cargos de direção em nível estadual ou nacional, ser candidato(a) com viabilidade eleitoral ou expectativa de ocupar cargos em futuro governo, exercer mandatos eletivos

Fonte: Elaborado pelos autores.

As retribuições simbólicas podem ser consideradas como a escala mais baixa de bens oferecidos àqueles militantes que apresentam

determinadas habilidades políticas combinadas com a sua trajetória militante (Pagis, 2019). Um exemplo desta categoria são os velhos filiados com alguns atributos que lhes conferem a oportunidade de acessar apenas retribuições simbólicas, como H.H.SE, militante do PCB em 1957, preso político e fundador do PT. Sobre o início de sua militância, ainda no PCB, o entrevistado relatou:

Aí um belo dia ele falou pra mim [...] eu queria conversar com você, vamos num outro bar. Eu vejo que você se destaca dos outros, um cara que quer discutir, sonha em transformar o Grêmio [...] num espaço cultural, etc. Você não teria coragem de dar o seu sangue pelo seu País? Eu tinha 18 para 19 anos [...] por sobrevivência política e financeira comecei a trabalhar com (venda) livros em 1992/93. É uma experiência que eu aprendi desde o velho 'partidão', uma forma de sobreviver e não depender de você ser profissionalizado [...] aí no PT eu nunca fui profissionalizado.

Entre os velhos filiados com habilidades específicas e acesso a bens materiais em razão do tempo de filiação, ilustra-se o caso de M.N.S:

Eu nasci dentro do PT e do movimento social, de ocupação de terra e tal e a partir daí foi minha trajetória de vida e com os movimentos que eu tenho mais contato, movimentos sociais, de mulheres, idosos, sindicatos e agora o movimento estudantil [...] (ocupou tarefas nos movimentos) mobilização, comunicação, organização de eventos [...] no congresso nacional do PT eu fui (delegada) [...] estou na executiva municipal (secretária de juventude).

Mas, há novos filiados, mais velhos, com trajetória anterior ao PT e *know-how* político que lhes permitem acessar bens materiais como a candidatura, isto é, H.N.S:

Tudo o que precisa (numa campanha) a gente faz, mas eu gosto mesmo é da estratégia, de pensar. Comecei isso na eleição de [...] eu fui convidado para participar da coordenação, pra ajudar na verdade e no fim fiquei coordenando a campanha [...] nesse período eu estava na prefeitura, no planejamento (secretaria de planejamento), depois veio a campanha de deputado, daí eu saí, depois veio o segundo turno da campanha Dilma e fiquei ajudando, fiquei quatro meses fora e agora eu voltei (para o cargo) para a fundação (cultural).

M.D.N, neta de fazendeiro, antiga filiada ao PDS, ingressou no PT em 2005 e passou a ocupar um cargo no partido: “Você sabe que quando você entra tem gente que sonha em ir para a executiva estadual, né. [...] entrei no PT e fui para a executiva estadual.”

Essa distribuição desigual de recompensas exige matizar a hipótese inicial deste estudo. Embora o alinhamento ideológico e o projeto coletivo tenham sido as forças motrizes para o ingresso dos filiados históricos em um PT ainda não institucionalizado, a trajetória de longa duração desses militantes revela que o ativismo voluntário frequentemente converteu-se em profissionalização ao longo do tempo. Com a chegada do partido ao governo federal e sua consolidação no aparato estatal, o capital militante acumulado pelos pioneiros passou a ser convertido em capital político. Isso permitiu que os filiados históricos tivessem acesso prioritário a posições de prestígio e retribuições materiais de alta estabilidade, como cargos de confiança, assessorias parlamentares e mandatos eletivos. Portanto, a profissionalização não deve ser vista como um vetor exclusivo dos novos ingressantes; nos filiados históricos, ela se apresenta como uma consequência biográfica tardia da própria institucionalização do PT, relativizando a fronteira entre o engajamento desinteressado e o pragmatismo material.

Os velhos filiados (de alta ou média idade) que combinam tempo de filiação com habilidades específicas são os grupos com maiores oportunidades de retribuições materiais. Por exemplo, H.H.S, que foi candidato proporcional e majoritário várias vezes, exerceu dois mandatos como deputado estadual (entre 1990 e 1994) e federal (entre 1994 e 1998), foi presidente estadual do PT e também ocupou cargo de confiança no governo federal:

Eu nunca imaginei ser advogado, até sonhei ser quando garoto, por ouvir histórias, lendas e também porque acompanhava meu pai, que era um militante político, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), era getulista e brizolista. Então meu pai vivia nos comícios e eu era o (filho) mais velho e volta e meia eu ia com ele, então, eu ouvia os discursos do pessoal, muito bom de discurso, foi o que me vinculou a ideia de falar bem, de comunicação, de falar para as pessoas, a oratória, enfim, eu conheci grandes oradores quando novo: Dr. Hélio de Andrade era um exemplo, eu ouvi Brizola, ouvi Ulisses Guimarães, pessoalmente, então, era um pessoal muito bom de discurso [...] e a maioria deles era advogado, isso de certa maneira vinculava a ideia a profissão de advogado como alguém que traduzia a segurança em relação alguém que pudesse brilhar do ponto de vista da oratória.

Portanto, essa combinação entre habilidades políticas específicas e trajetória militante em determinados contextos permite o acesso às oportunidades de retribuições materiais no PT. Esse tipo de processo de troca de militância por retribuições materiais é mais recorrente entre movimentos sociais e partidos de esquerda (Pagis, 2019). A literatura mobilizada neste artigo debruça-se principalmente sobre movimentos sociais e partidos de esquerda, cuja militância de base tende a se apoiar mais fortemente em incentivos coletivos e identitários (Pizzorno, 1988); nesses casos, a oferta de retribuições

materiais funciona como complemento e não como fundamento do engajamento. Já em partidos de centro e de direita, cuja organização tende a depender menos de estruturas de mobilização social de base, a literatura de escolha racional (Olson, 2002) sugere que os incentivos seletivos e materiais tendem a assumir papel mais central na atração e manutenção de quadros, ainda que essa comparação não seja objeto direto deste artigo. Todavia, também depende da trajetória militante em saber utilizar a experiência ativista e seu *know-how* político para aproveitar o contexto de oportunidades políticas a seu favor.

Cabe destacar duas situações distintas de filiados que foram candidatos em eleições locais, sem visibilidade eleitoral, e que relataram distintas experiências em diferentes contextos políticos e temporais. M.H.S, que foi candidata ao Senado em 1986 e a vereança em 1988, e H.N.S, candidato a vereador no pleito de 2012, respectivamente.

Mas naquela época era muito claro na nossa cabeça, que era candidata para colocar o nome do partido na rua, buscar voto, fazer o partido ser conhecido, com muita dificuldade. A gente vendia botton e camiseta num lugar para botar gasolina para chegar até noutro, era tudo do bolso da gente. Digo mais, consegui arcar com a campanha porque éramos professores universitários e tinha algum dinheiro para tocar a campanha.

Daí a gente abraçou a ideia e saí candidato a vereador em 2012 pela juventude do PT. Daí conheci o PT, fui conhecendo as pessoas e fiquei terceiro suplente, nunca tinha disputado uma eleição, foi um resultado legal porque muita gente antiga do PT que fazia votação expressiva consegui ficar a frente deles na eleição [...] e depois fui convidado para ocupar um cargo na prefeitura.

Na interação entre as trajetórias individuais, estrutura de oportunidades e o contexto, alguns militantes apresentam uma

carreira linear, marcada por fortes laços de identidade partidária em qualquer uma das fases da vida, conformando as lógicas individuais e coletivas (Fillieule, 2001; Sawicki; Siméant, 2009). No entanto, ao longo das carreiras militantes, percebe-se um declínio da atuação multimilitante e uma priorização de ativismo entre os filiados históricos pela atuação interna ao PT (Paludo; Borba; Gimenes, 2018).

Alguns desses filiados tiveram curtos momentos de redução de sua atuação partidária, motivados tanto por episódios individuais como pela estrutura de oportunidades endógena e exógena. Dentre os motivos individuais estão problemas de saúde, casamento e dificuldades financeiras, contudo uma situação que aparentemente é tratada como de natureza individual tem relação com uma dimensão mais ampla do que o próprio contexto e diz respeito a questões de ordem estrutural, como, por exemplo, a condição das mulheres que se afastam da militância para se dedicar às tarefas familiares, algo apontado por autores como Inglehart e Norris (2003) ao tratar das desigualdades de participação política entre homens e mulheres e, mais especificamente, por Sawicki e Siméant (2009, p. 15) quanto ao envolvimento em atividades partidárias:

Assim, muitas pesquisas históricas evidenciaram que o militância nos sindicatos, nas organizações profissionais e nos partidos políticos foi, por muito tempo, facilitado pelo desengajamento dos homens em relação às tarefas domésticas, o que se apoiava, por sua vez, na exclusão tendencial das mulheres do mundo do trabalho após se tornarem mães⁵.

⁵ “Ainsi, beaucoup de recherches historiques ont mis en évidence que le militantisme dans les syndicats, les organisations professionnelles et les partis politiques a longtemps été facilité par un désengagement des hommes des tâches domestiques, reposant lui-même sur l’exclusion tendancielle des femmes du monde du travail une fois devenues mères” (no original).

São ilustrativos desta situação, especificamente, o caso da M.H.NE, que expôs que “Depois da separação é que fica ruim, porque fica com filho, com cinco anos de idade, fica mais difícil, fazia faculdade, com criança e tendo que fazer artesanato” e da M.H.S:

Na época da ditadura, eu tinha casado, tinha filho e, então, fiquei mais assim trabalhando e cuidando de filhos pequenos. [...] Entrei em 1971 para universidade e a gente começa a se envolver; na época com a associação dos professores, sindicato [...] as primeiras greves, daí, quando começa a fundação do PT e da CUT a gente participa também.

Ademais, outra justificativa para a redução da intensidade da militância ao longo da trajetória no PT é a decepção em relação às expectativas por oportunidades, sendo que o relato de H.H.S (cuja própria candidatura foi derrotada no pleito municipal de 2006, conforme detalhado no relato a seguir) denota um aspecto relacionado às derrotas em campanhas eleitorais pouco mencionado, porém presente no conjunto de entrevistas:

Eu vivi um dilema em 2006, ao mesmo tempo em que eu não queria ser derrotado, de perder a eleição, eu queria algo que pudesse justificar o meu afastamento, pelo menos durante um tempo, para recuperar um tempo perdido que eu tinha tido, sobretudo da família e profissionalmente. Então, o resultado eleitoral de 2006 foi ruim, muito ruim, porque ao mesmo tempo em que foi ruim do ponto de vista da derrota, de certa maneira eu fui rejeitado, perdi a eleição, por outro lado ele foi legal porque ele determinava minha saída (afastamento temporário).

Por fim, destacamos ainda a questão organizacional do partido. Conforme destacaram Paludo, Borba e Gimenes (2018), os velhos filiados são mais envolvidos com o funcionamento do partido,

especialmente entre os entrevistados com mais idade e tempo de filiação, mais críticos à maneira como a legenda alterou sua organização em favor da estruturação de processos e atividades, fortalecendo a atuação das elites partidárias e estratégias de desenvolvimento de campanhas que requerem menor militância, como destaca M.H.NC:

Eu sempre cobreí isso: que o nosso partido tem que valorizar principalmente a base, sem a base não conseguimos nos fortalecer. E aí sempre fazendo reuniões, mas agora mesmo eu estou sem chão, pra te falar a verdade, não quero nem falar com ninguém, no bairro, porque você sabe que eu sempre fui uma mulher comunicativa de dar a cara à tapa mesmo e você leva, entendeu? Mas hoje, no momento eu estou sem chão” (Mulher, filiada histórica da região norte; 63 anos; assessora parlamentar).

Considerada a discussão desta seção, temos que as trajetórias individuais podem parecer relativamente lineares, quando há fortes laços de identidade que aproximam e interpenetram as lógicas de carreira individual e coletiva, porém, de modo geral, há oscilações ao longo das trajetórias por diferentes motivos e com distintos desdobramentos. Os motivos de baixa militância são de ordem pessoal combinada com o contexto e as estruturas, isto é, as mulheres que se afastam da militância para cuidar da família – situação que combina uma condição individual com a estrutura político-cultural. Mas há outros desestímulos, isto é, a alteração da imagem externa do partido ou derrotas eleitorais que não atenderam às expectativas quanto às oportunidades de retribuições.

Contudo, o achado mais relevante dessa análise diz respeito aos distintos incentivos buscado por antigos e novos filiados. A maioria dos filiados históricos acumulam capital militante devido a sua

entrada e manutenção em um PT não institucionalizado e sem incentivos seletivos materiais para engajar esses militantes. Assim, devido ao seu tempo de filiação, atualmente possuem recursos posicionais e simbólicos na organização partidária, priorizando cargos estratégicos no seu interior. Com os novos filiados entrevistados ocorre o contrário, com experiência de engajamento anterior ao PT, enxergam no partido no governo uma oportunidade para emplacar a carreira política. Se não conseguem incentivos seletivos materiais, mantêm-se ou retomam o engajamento social perante as atividades partidárias (Paludo; Borba; Gimenes, 2018). Para os desfiliados ocorre o afastamento do PT, seguido da estratégia de desligamento formal e filiação em outros partidos ou para se dedicar à militância social (Hirschman, 1973; Fillieule, 2001).

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo investigou a hipótese de que filiados mais antigos (da fundação até antes do governo Lula 1) se vincularam ao partido motivados por seu projeto político, portanto visando retribuições coletivas, ao passo que petistas mais novos (filiados ao PT após essa data) parte deles se filiaram movidos por incentivos materiais e individuais e outra parte se filiou por motivos ideológicos relacionados às pautas contemporâneas.

Na compreensão das conexões entre diferentes dimensões da militância, destacamos como a diferença de idade é fundamental para explicar a relação entre os recursos individuais e tempo livre. Por um lado, os filiados históricos, com menor escolaridade e estabilidade financeira, na condição de aposentados ou autônomos, dispõem de mais tempo livre para a militância política e essa combinação faz diferença na alta militância deste grupo de entrevistados. Por outro

lado, os filiados com maior escolaridade, porém com instabilidade financeira, têm menos tempo para se dedicar ao partido, sendo esse um dos principais motivos de afastamento e de baixa atuação.

Inserindo outras dimensões na análise da trajetória e do processo de construção da militância, percebeu-se que é importante tanto o tipo quanto o tempo de socialização. Por essa ótica, evidenciamos que os filiados históricos de alta idade acumulam experiência política ao longo da socialização no PT e convertem-na em capital político, o que lhes permite maior acesso às retribuições materiais. Simultaneamente, os novos filiados de alta idade, socializados em outros partidos ou sem histórico de engajamento partidário ou social anterior à filiação no PT, têm menor experiência para converter em capital político e, conseqüentemente, menor possibilidade de incentivos de natureza seletiva.

Quanto aos novos filiados jovens, nas entrevistas percebe-se uma militância intensa e que esta é a principal fase do ciclo de vida em que ocorre o multimilitantismo. No transcorrer do processo ou das trajetórias militantes ocorrem bifurcações nas quais os militantes precisam optar por espaços prioritários ou específicos de atuação, seja no engajamento partidário (filiados históricos), seja no engajamento prioritário em movimentos sociais específicos (filiados afastados).

Ainda acerca dos novos filiados, identificamos distintos perfis. Há filhos de petistas entre os quais há um processo “natural” de socialização no partido. Também encontramos aqueles com experiência prévia em outros partidos (profissionais da política) com maior possibilidade de adaptação ao *habitus* do petismo e maior possibilidade de acesso aos bens materiais no partido. Por fim, tomamos contato com novos filiados, especialmente de média e alta idade, que não tiveram militância prévia ao recrutamento e que enfrentam maior dificuldade de adaptação e de acesso às retribuições.

Há exceções. Os novos petistas com experiência prévia em outros partidos podem visar acessar aos bens materiais. Isso vai na direção da estratégia adotada pelo partido com a inclusão dos filiados a partir de 2001 (Amaral, 2013), e a segmentação estratégica daqueles que acessarão bens materiais (Goirand, 2016), em razão do processo de institucionalização do partido, no qual o objetivo passou a ser o triunfo eleitoral. Nesse processo, o partido se afastou da sociedade e se aproximou do Estado e passou a se interessar pelo recrutamento de “políticos profissionais” ao invés de militantes de base.

Contudo, as retribuições materiais reforçam a identificação partidária, que por sua vez está ligada diretamente com a militância. As retribuições são distribuídas de forma desigual entre os filiados como produto da combinação de habilidades políticas, tempo de filiação e formas de socialização, articuladas com as estruturas de oportunidades do partido (Fillieule, 2001). Os filiados com habilidades políticas gerais acessam apenas retribuições simbólicas. Os novos filiados, com habilidades políticas específicas e experiência política, acessam as retribuições materiais, apesar do pouco tempo de filiação. Contudo, o mais importante: os novos filiados que apresentam apenas habilidades específicas, sem experiência prévia de militância no PT, têm mais dificuldade de acessar tais retribuições (Goirand, 2019). Já com relação aos velhos filiados, de modo geral, possuem uma trajetória que se confunde com a do partido e quando dispõem de habilidades específicas e história no partido têm maior acesso a todos os tipos de bens.

Por fim, como último resultado deste artigo, destacamos a relevância de abordar também atores que romperam laços formais com os partidos. Com relação ao perfil dos desfiliados, de modo específico, ressaltamos que este artigo amplia a maneira como o fenômeno é analisado e contribui, portanto, para os estudos sobre militância

partidária, ampliando o olhar local de Goirand (2019) sobre os petistas em Recife (PE).

Concluimos afirmando a importância do estudo da militância, uma vez que, para além dos achados relativos aos filiados ao PT, os laços partidários não se configuram como um ato vazio de significado. Observamos que a socialização dos militantes é construída, em alguma medida, a partir do seu ativismo, que, à medida que o ativismo deixa de ser uma prática excepcional e se consolida como uma prática recorrente, o voluntarismo pode adquirir características profissionais por meio do *habitus*.

SOBRE OS AUTORES

Eder Rodrigo Gimenes: Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Políticas Públicas e Coordenador do Laboratório de Estudos Políticos sobre LGBTI+ da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pesquisador do INCT Representação e Legitimidade Democrática (ReDem).

Filipe Vicentini Faeti: Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador do INCT Representação e Legitimidade Democrática (ReDem).

José Roberto Paludo: Docente do Instituto Federal do Mato Grosso, Universidade Aberta do Brasil.

Julian Borba: Docente do Departamento de Sociologia e Ciência Política e Coordenador do Núcleo Interdisciplinar em Políticas Públicas e Opinião Pública da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do INCT Representação e Legitimidade Democrática (ReDem)

REFERÊNCIAS

1. AGRIKOLIANSKY, Éric. *La Ligue française des droits de l'homme et du citoyen depuis 1945: Sociologie d'un engagement critique*. Editions L'Harmattan, 2002.
2. AMARAL, Oswaldo Estanislau do. O que sabemos sobre a organização dos partidos políticos: uma avaliação de 100 anos de literatura. *Revista Debates*, v. 7, n. 2, p. 11–32, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.38429>
3. AVRITZER, Leonardo. *Impasses da democracia no Brasil*. José Olympio, 2016.
4. AYRES, Carla. Quem são elas? Paridade de gênero, origens e carreiras políticas nas direções petistas. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
5. BARRETO, Alvaro Augusto de Borba. Como o neoinstitucionalismo analisa os que vivem da política no Brasil contemporâneo. In: IPAR, Ezequiel (Ed.). *Teoría, política y sociedad: Reflexiones críticas desde América Latina*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2018. p. 471–492.
6. BARROS, Antonio Teixeira de *et al.* Juventudes partidárias no Brasil: motivações e perspectivas dos jovens filiados a partidos políticos. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 30, p. 113–158, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220193004>
7. BARROS, Celso Rocha de. *PT, uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
8. BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, v. 10, n. 2, p. 141–163, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1177/004912418101000205>
9. BORGES, Tiago Daher Padovezi. Representação política e eleições no Brasil: Percursos, entraves e perspectivas na produção recente. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 94, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/523>. Acesso em: 17 ago. 2026.
10. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo, 2009.
11. CARMINATI, Fábio. Juventude e rebeldia: Ações coletivas contemporâneas e a produção e reprodução do projeto de militância de esquerda. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2006.
12. CÉSAR, Benedito Tadeu. *PT: A contemporaneidade possível – base social e projeto político (1980–1991)*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
13. FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une Analyse Processuelle de l'Engagement Individuel. *Revue Française de Science Politique*, v. 51, n. 1–2, p. 199–215, 2001. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-francaise-de-science-politique-2001-1-page-199?lang=fr&tab=texte-integral>. Acesso em: 17 ago. 2026.
14. FILLIEULE, Olivier; NEVEU, Erik. Activists' trajectories in space and time: An introduction. In: NEVEU, Erik; FILLIEULE, Olivier (Eds.). *Activists forever? Long-term impacts of political activism*. Cambridge University, 2019. p. 2–35.
15. FILLIEULE, Olivier; PUDAL, Bernard. Sociologie du militantisme. Problématisations et déplacement des méthodes d'enquête. In: FILLIEULE, Olivier; SOMMIER, Isabelle; AGRIKOLIANSKY, Éric. *Penser les mouvements sociaux. Conflits sociaux et contestations dans les sociétés contemporaines*. Paris: La Découverte Recherches, 2010. p. 163–184.

16. GAGLIETTI, Mauro José. *PT: Ambivalências de uma militância*. Dacasa, 2003.
17. GAUJA, Anika. The construction of party membership. *European Journal of Political Research*, v. 54, n. 2, p. 232–248, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1111/1475-6765.12078>
18. GAXIE, Daniel. Rétributions du militantisme et paradoxes de l'action collective. *Swiss Political Science Review*, v. 11, n. 1, p. 157–188, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1002/j.1662-6370.2005.tb00051.x>
19. GAXIE, Daniel. Économie des partis et rétributions du militantisme. *Revue Française de Science Politique*, p. 123–154, 1977. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1977_num_27_1_393715. Acesso em: 19 ago. 2026.
20. GOIRAND, Camille. Red t-shirt or executive suit: About some biographical consequences of contentious engagement in the Workers' Party in Recife, Brazil. In: NEVEU, Erik; FILLIEULE, Olivier (Orgs). *Activists Forever? Long-term impacts of political activism*. Cambridge University, 2019. p. 272–294.
21. GOIRAND, Camille. Le “PT light” en campagne L'institutionnalisation du Parti des travailleurs (Brésil) vue depuis ses campagnes électorales, 226 1980–2010. *Politix. Revue des Sciences Sociales du Politique*, v. 29, n. 113, p. 65–89, 2016.
22. HADJIISKY, Magdaléna. When prophecy succeeds: The political failure of dissidents in the new Czech democracy. In: NEVEU, Erik; FILLIEULE, Olivier (Orgs). *Activists Forever? Long-term impacts of political activism*. Cambridge University, 2019. p. 225–250.
23. HEIDAR, Knut. Party membership and participation. In: KATZ, Richard S.; CROTTY, William (Eds.). *Handbook of party politics*. London: Sage, 2006. p. 301–315.
24. HIRSCHMAN, Albert O. *Saída, voz e lealdade: Reações ao declínio de firmas, organizações e estados*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
25. INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. *Rising tide: Gender equality and cultural change around the world*. Cambridge: Cambridge University, 2003.
26. LUPU, Noam. *Party brands in crisis: Partisanship, brand dilution, and the breakdown of political parties in Latin America*. Cambridge University, 2016.
27. MÜLLER, Gustavo. Representação política: Neoinstitucionalismo em perspectiva comparada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 69, p. 115–127, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000100008>
28. NEVEU, Erik. Life stories of former French activists of “68”: Using biographies to investigate the outcomes of social movements. In: NEVEU, Erik; FILLIEULE, Olivier (Orgs). *Activists Forever? Long-term impacts of political activism*. Cambridge University, 2019. p. 84–107.
29. NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria; ROMÃO-DIAS, Daniela; DI LUCCIO, Flávia. Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 22, n. 1, p. 36–43, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100006>
30. OLIVIER, Guadalupe; TAMAYO, Sergio. Women in political activism: The biographical resonances of the '68 student movement in a Latin American context. In: NEVEU, Erik; FILLIEULE, Olivier (Orgs). *Activists forever? Long-term impacts of political activism*. Cambridge University, 2019. p. 108–131.

31. OLSON, Mancur. *The logic of collective action*. Cambridge: Harvard University, 2002.
32. PAGIS, Julie. Biographical impacts of activism in the French “May ’68”. In: NEVEU, Erik; FILLIEULE, Olivier (Orgs). *Activists forever? Long-term impacts of political activism*. Cambridge University, 2019. p. 62–83.
33. PALUDO, José Roberto. Participação de alta intensidade e militância dos filiados de base do PT no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Ciência Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
34. PALUDO, José Roberto; BORBA, Julian; GIMENES, Éder Rodrigo. Participação de alta intensidade entre os filiados ao Partido dos Trabalhadores no Brasil. *Teoria & Pesquisa*, v. 27, n. 2, p. 189–217, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4322/tp.v27i2.671>
35. PENROD, Janice *et al.* A discussion of chain referral as a method for sampling hard-to-reach populations. *Journal of Transcultural Nursing*, v. 14, n. 2, p. 100–107, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/1043659602250614>
36. PIRES, Alvaro. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean *et al.* (Orgs.) *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 154–211.
37. PIZZORNO, Alessandro. Los intereses y los partidos en el pluralismo. In: BERGER, Suzanne (Org.). *La organización de los grupos de interés en Europa Occidental*. Madrid: Ministerio de Trabajo, 1988. p. 24–46.
38. RIBEIRO, Pedro F. *Dos sindicatos ao governo: A organização nacional do PT de 1980 a 2005*. 2010.
39. RIVAROLA, Dolores R. Political training in four generations of activists in Argentina and Brazil. *Brazilian Political Science Review*, v. 15, n. 2, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-3821202100020001>
40. SAMUELS, David J.; ZUCCO, Cesar. *Partisans, antipartisans, and nonpartisans: Voting behavior in Brazil*. Cambridge University, 2018.
41. SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. Décloisonner la sociologie de l’engagement militant. Note critique sur quelques tendances récentes des travaux français. *Sociologie du Travail*, v. 51, n. 1, p. 97–125, 2009. Disponível em: <https://www.em-consulte.com/article/203579/decloisonner-la-sociologie-de-lengagement-militant>. Acesso em: 19 ago. 2026.
42. SCARROW, Susan E. *Beyond party members: Changing approaches to partisan mobilization*. Oxford: Oxford University, 2015.
43. SCARROW, Susan E. Parties without members? In: RUSSELL, Dalton; WATTENBERG, Martin (Eds.). *Parties without partisans: Political change in advanced industrial democracies*. Oxford, UK: Oxford University, 2000. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/40374>. Acesso em: 19 ago. 2026.
44. SEIDL, Ernesto. As mutações do PT olhadas por dentro. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 39, e264070, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2022.39.264070>
45. SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. *Pro-Posições*, v. 20, n. 2, p. 21–39, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000200003>
46. SINGER, André. *O lulismo em crise: Um quebra-cabeça do período Dilma (2011–2016)*. Companhia das Letras, 2018.

47. SINGER, André. *Os sentidos do Lulismo: Reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
48. SINGER, André. *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2000.
49. TILLY, Charles. *Coercion, capital, and European states, AD 1990-1992*. Oxford: Blackwell, 1992.
50. WHITELEY, Paul; SEYD, Patrick. *High-intensity participation: The dynamics of party activism in Britain*. University of Michigan, 2002.

Submissão em: 14 jan. 2026

Aceito em: 20 jul. 2026

